

**AS VOZES E OS ECOS DA PLAZA DE MAYO NA ARGENTINA:
UMA ANÁLISE DOS RELATOS NA OBRA DE EDUARDO GALEANO**

**THE VOICES AND ECHOES OF THE PLAZA DE MAYO IN ARGENTINA:
AN ANALYSIS OF THE ACCOUNTS IN THE WORK OF EDUARDO GALEANO**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n2p286-312

**Eliane Aparecida da Costa Soares¹
Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves²**

Resumo: Nos textos *Las Madres de la Plaza de Mayo*, *Las Abuelas detectives* e *Tamara vuela dos veces*, que compõem a obra *Memoria del fuego: el siglo del viento*, o escritor Eduardo Galeano se propõe a narrar as estratégias de lutas e resistências empreendidas pelas mães e avós argentinas no confronto ao poder exercido pela ditadura militar, nos anos de 1970 a 1984, na busca por seus filhos e netos sequestrados e/ou desaparecidos em operações policiais e/ou de grupos de extermínio do país. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi compreender, a partir das narrativas de Eduardo Galeano, as lutas e as resistências, via memória, das mães e avós da Plaza de Mayo à ditadura argentina. Os procedimentos metodológicos contaram com a pesquisa bibliográfica e a análise textual, apoiadas em especial, nos conceitos bakhtinianos de polifonia e dialogismo. Na tecitura das narrativas emergem diferentes vozes enunciativas, vozes essas que não se confundem com as do autor ou as do autor-criador/narrador, mas juntas a dele compõem um todo significativo. Isso produz no leitor a necessidade de compreender o processo enunciativo na composição galeana, assim como os diferentes atores e princípios que os regem.

Palavras-chave: História. Memória. Ditadura. Enunciação. Polifonia. Dialogismo.

Abstract: In the texts *Las Madres de la Plaza de Mayo*, *Las Abuelas detectives* and *Tamara vuela dos veces*, which make up the work *Memoria del fuego: el siglo del viento*, the writer Eduardo Galeano proposes to narrate the strategies of struggles and resistance undertaken by Argentinean mothers and grandmothers in the confrontation with the power exercised by the military dictatorship, in the years from 1970 to 1984, in the search for their children and grandchildren who were kidnapped and/or disappeared in police operations and/or death squads in the country. Therefore, the objective of this research was to understand, based on Eduardo Galeano's narratives, the struggles and the resistance, via memory, of the Plaza de Mayo's mothers and grandmothers to the Argentine dictatorship. The methodological procedures relied on bibliographic research and textual analysis, supported in particular by the Bakhtinian concepts of polyphony and dialogism. In the weaving of the narratives different enunciative voices emerge, voices that are not confused with those of the author or the author-creator/narrator, but together they compose a meaningful whole. This produces in the reader

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina. E-mail: eli_pontal@hotmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina. E-mail: ricardo.goncalves@ueg.br

the need to understand the enunciative process in the Galean composition, as well as the different actors and principles that govern them.

Keywords: History. Memory, dictatorship. Enunciation, Poliphony, Dialogism.

Introdução

Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio, na obra *Memoria del fuego: el siglo del viento*, através da representação da memória feminina traz à luz do discurso literário histórias de mulheres que transgrediram forças de opressão e, destemidamente, participaram ou protagonizaram transformações sociais e culturais que beneficiaram processos de democratização em países da América Latina como a Argentina.

Dentre as várias histórias relatadas pelo escritor encontra-se: *Las Madres e las Abuelas de Plaza de Mayo*³, mães e avós argentinas que confrontaram o poder da última ditadura militar, entre os anos de 1976 a 1984, na busca por seus filhos e netos sequestrados-desaparecidos em operações policiais e/ou de grupos de extermínio do país. Mulheres, na grande maioria, acima de quarenta anos e donas de casa, cujas funções, até então, eram restritas ao ambiente doméstico, sem formação acadêmica ou na participação da vida pública e política da sociedade na Argentina.

Essas audaciosas mulheres, movidas pelo desespero e dor com o sumiço de seus amados, ante o descaso do governo ditatorial, saíram do aconchego e segurança de seus lares, e ocuparam as ruas da capital argentina e a Plaza de Mayo, símbolo do poder instituído. Com efeito, se levantaram de modo coletivo em atitude de enfrentamento e resistência à violência, sequestros, prisões, torturas e desaparecimento de seus familiares pelo aparelho repressor liderado por militares argentinos.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi compreender, a partir das narrativas de Eduardo Galeano, as lutas e as resistências, via memória, das mães e avós da Plaza de Mayo à ditadura argentina.

Os procedimentos metodológicos contaram com a pesquisa bibliográfica e a análise textual, apoiadas em especial, nos conceitos bakhtinianos de polifonia e dialogismo. Na tecitura das narrativas presentes nos textos de Eduardo Galeano emergem diferentes vozes enunciativas, vozes essas que não se confundem com as do autor ou com as do ‘autor-criador’ (BAKHTIN, 1997, p. 23-42, grifo nosso), mas juntas a dele compõem um todo significativo. Logo, produzem

³ O nome *Plaza de Mayo*, original em espanhol, será mantido ao longo do texto.

no leitor a necessidade de compreender o processo enunciativo na composição galeana, assim como os diferentes atores e princípios que os regem.

Com a intenção de sistematizar os resultados o texto foi dividido em dois tópicos: A ditadura militar Argentina e vozes que ressoam através do silêncio; e, por último, as considerações finais.

Ditadura Militar na Argentina

Nas décadas de 1970 e 1980, a Argentina vivenciou a última e mais violenta ditadura militar imposta ao país, através de um golpe de estado comandado pelas três Forças Armadas Nacionais, assim representadas: general Jorge Rafael Videla (Exército), almirante Emilio Eduardo Massera (Marinha), e o brigadeiro general Orlando Ramón Agosti (Aeronáutica). Sob o comando do general Jorge Rafael Videla, a presidente da República María Estela Martínez de Perón foi deposta do cargo. Em seu lugar, o general Videla assumiu a liderança do país (REATO, 2012, p. 13).

A Junta Militar implantou o denominado Processo de Reorganização Nacional na Argentina. Por consequência, deflagrou um regime pautado na desindustrialização, no endividamento externo, em sua autolegitimação, na centralização do poder nas mãos dos militares, com participação direta de civis oriundos das elites da nação, e no Terrorismo de Estado.⁴ Medidas hediondas e violentas de controle e disciplina foram imputadas à população civil.

As principais medidas adotadas pelas Forças Armadas foram o sequestro-tortura-desaparecimento das vítimas por eles, previamente, selecionadas e denominadas como subversivos, “marxismo-leninismo”, “apátridas”, “materialistas e ateus”, “inimigos dos valores ocidentais e cristãos” (SÁBATO, 1984, p. 03). As operações iniciavam-se “mediante procedimentos ostensivos das Forças de Segurança, que impunham “zona livre” às respectivas Delegacias de Polícia” (SÁBATO, 1984, p. 02, grifo do autor). Nessas ações militares, os grupos ostentavam seu poder repressivo por meio da quantidade de homens, veículos e poder de fogo envolvidos na cena:

[...] Comandos armados cercavam o quartelão e entravam à força, aterrorizavam pais e crianças, frequentemente amordaçando-os e obrigando-os a assistir aos fatos; prendiam a pessoa procurada, espancavam-na brutalmente, encapuzavam-na para

⁴ Disponível em: http://www.usp.br/memoriaeresistencia/?page_id=239. Acesso em: 28/09/2020.

<https://www.lavaca.org/notas/la-historia-de-las-madres-de-plaza-de-mayo-erese-una-vez-catorcemujeres/>. Acesso em: 28/09/2020

finalmente arrastá-la nos carros ou caminhões, enquanto o resto do Comando, na maioria das vezes, destruía ou roubava tudo quanto era transportável. De lá partiam rumo ao antro em cuja porta bem poderiam estar escritas as mesmas palavras que Dante leu nos portais do inferno: “Vós, que entraís, abandonai toda esperança” (SÁBATO, 1984, p. 02).

O objetivo desses atos atrozes era intimidar e minar a resistência dos reféns, dos familiares e da vizinhança, impondo-lhes o medo e paralisando-os ante o caos instalado. Diante disso, eles não ofereciam nenhuma relutância ou atitude contrária àquelas determinadas pelos agentes do terror. “Assim, em muitos casos, interrompeu-se o trânsito, cortou-se o fornecimento elétrico, utilizaram-se megafones, refletores, bombas, granadas, em desproporção com as necessidades da operação” (SÁBATO, 1984, p. 09).

Quanto aos capturados, o “destino” lhes reservava as penas do martírio. Sem direito à palavra, a serem ouvidos ou à defesa de seus atos, eram sentenciados por algozes preparados para impor inimagináveis tormentos, dores e a morte. Sábato, assim discorre sobre a sorte desses infelizes:

A partir do momento do sequestro, a vítima perdia todos os direitos; privada de qualquer comunicação com o mundo exterior, confinada em locais desconhecidos, submetida a suplícios infernais, ignorando o seu destino mediato ou imediato, sujeita a ser atirada ao rio ou ao mar, amarrada a blocos de cimento, ou transformada em cinzas; seres que não eram “coisas” e sim pessoas na plenitude dos atributos humanos: sensibilidade frente ao tormento, a memória da mãe, do filho ou da esposa, a infinita vergonha da violação em público; seres não somente possuídos por essa infinita angústia e esse medo superior, e sim, talvez por isso mesmo, conservando em algum recanto da sua alma uma esperança aloucada (SÁBATO, 1984, p. 09, grifo do autor).

A política adotada pelos generais que governavam o país, no período, era contrária à própria Constituição argentina, da qual deveriam ser defensores e protetores, e que previa em seus artigos: “o direito à vida, o direito à integridade pessoal; o direito a ser processado; o direito a não sofrer inumanas condições de detenção; o direito à justiça e à não execução sumária” (SÁBATO, 1984, p. 02). A política ditatorial era fundamentada em um controle rigoroso e sistemático de toda e qualquer atividade contrária aos projetos e determinações dos comandantes da nação. Esses homens traçaram com precisão os rumos políticos, econômicos e sociais do país sob seu comando ao longo dos intermináveis anos de dominação.

Para acobertar suas práticas ilícitas e selvagens, os militares criaram inúmeros Centros Clandestinos de Detenção (CCD), espalhados em todo o território argentino, onde prendiam os opositores políticos capturados. Nessas prisões, os reféns eram submetidos a longas seções de torturas, físicas e psicológicas, a fim de denunciarem companheiros de luta e líderes dos movimentos de resistência aos atos de contraversão do regime ditatorial. “O objetivo estratégico buscado era o isolamento do movimento de oposição, qualquer que fosse sua nuance, através

de ações políticas e militares que o deslegitimassem”⁵ (MOLINA THEISSEN, 1998, p. 121, *tradução nossa*).

As técnicas de torturas aplicadas nos interrogatórios foram, previamente, transmitidas aos militares e grupos de extermínio por instrutores norte-americanos, muitos desses métodos desenvolvidos e praticados pelos nazistas contra os judeus na Alemanha (MOLINA THEISSEN, 1998, p. 65). Esses maestros do terror tinham a incumbência de treinar as equipes de repressão com modernas técnicas de flagelação, as quais visavam não deixar marcas visíveis nos corpos das vítimas, dificultando com isso a comprovação da violência em casos de denúncias ou recuperação do prisioneiro. Molina Theissen, explica que:

Os interrogatórios, acompanhados de tortura física e psicológica, são realizados por profissionais da área assessorados por psicólogos, psiquiatras e médicos, todos eles protegidos sob pseudônimos e máscaras. Nesta fase, a função da tortura não é eliminar fisicamente a vítima, mas tornar possível a obtenção de informações⁶ (MOLINA THEISSEN, 1998, p. 75, *tradução nossa*).

Galeano, no texto intitulado *Retrato de um professor de torturadores*, relata como esses cursos eram ministrados no Uruguai, bem como a concepção do ato terrorista pelo professor/torturador inglês:

[...] Dan Anthony Mitrione, um dos instrutores norte-americanos, [...] dava seus cursos para oficiais num porão à prova de som. Para as lições práticas utilizava mendigos e prostitutas caçados na rua. Assim mostrava a seus alunos o efeito dos diversos níveis de voltagem nas zonas mais sensíveis do corpo humano, e ensinava a eles como aplicar de maneira eficaz vomitivos e outras substâncias químicas. Nos últimos meses, três homens e uma mulher morreram durante estas aulas de Técnica de Interrogatório. Mitrione detestava a desordem e a sujeira. Uma câmara de torturas devia ter a assepsia de uma sala de cirurgias. E detestava a linguagem incorreta: – *Bolas não, delegado. Testículos.*

Também detestava o gasto inútil, o movimento não necessário, o dano que pode ser evitado: – *É uma arte, mais que uma técnica* – dizia: – *a dor exata, no lugar exato, na medida exata* (GALEANO, 1998, p. 274, grifo do autor).

O escritor uruguaio, sobrevivente à ditadura uruguaia e argentina, enfatiza a visão opressora e cruel do dominador sobre os desvalidos pelas políticas públicas, bem como “a violação dos direitos humanos de forma orgânica e oficial pela repressão das Forças Armadas” (SÁBATO, 1984, p. 02), nos países latino-americanos onde vigoraram ditaduras militares.

⁵ Texto original em espanhol: “El objetivo estratégico buscado fue el aislamiento del movimiento opositor, cualquiera que fuera su matiz, a través de las acciones políticas y militares deslegitimadoras”. (MOLINA THEISSEN, 1998, p. 121).

⁶ Texto original em espanhol: “Los interrogatorios, acompañados de torturas físicas y psicológicas, son llevados a cabo por profesionales en la materia asesorados por psicólogos, psiquiatras y médicos, todos ellos protegidos bajo pseudónimos y máscaras. En esta fase, la función de la tortura no es la de eliminar físicamente a la víctima, sino la de viabilizar la obtención de información” (MOLINA THEISSEN, 1998, p. 75).

Nos Centros Clandestinos de Detenção, os ensinamentos do maestro macabro eram executados, os presos eram submetidos a várias seções de torturas, alguns não resistiam aos inclementes métodos, vindo a óbito em decorrência deles. Para as mulheres a pena era a mesma, mas acrescentada de violência sexual, o sequestro e a doação dos filhos nascidos em cativeiro a membros das equipes responsáveis pelo suplício vivenciado ou a famílias por eles selecionadas. Galeano, narra um desses brutais episódios: “Para uma prisioneira, grávida, dão a opção de escolher entre a violação e os choques elétricos. Ela escolhe os choques, mas após uma hora já não aguenta a dor. Então, é violada por todos. Enquanto a violam, cantam a Marcha Nupcial” (GALEANO, 1998, p. 306).

Esse processo pavoroso era orquestrado e realizado com implacável perícia e tinha como máxima aniquilar os oponentes ao sistema. Conforme narrada por Galeano, a fala de um dos chefes do regime, o general Saint-Jean, exemplifica esse terror ditatorial: “- Primeiro mataremos os subversivos. Depois mataremos os colaboradores. Depois, os simpatizantes. Depois, os indecisos. E finalmente, mataremos os indiferentes” (GALEANO, 1998, p. 304).

Desta forma, a ditadura disseminou o medo e o terror na Argentina por meio das mais variadas estratégias de repressão e sumiço das vítimas, como os chamados “voos da morte”⁷, nos quais o preso político era drogado com soníferos e lançado ao mar, numa viagem sem volta; ou, ainda, seus corpos eram cremados, destruindo qualquer possibilidade de localização e reconhecimento; e, conseqüentemente, a condenação dos responsáveis por toda ignomínia imputada às vítimas. Tal afirmação é elucidada por Ana Lucrecia Molina Theissen: “Quando os militares latino-americanos começaram a utilizar a prática do desaparecimento forçado de pessoas como método repressivo, eles acreditavam ter descoberto o crime perfeito: dentro de sua lógica desumana, não há vítimas, portanto, não há criminoso e não há crime”⁸ (MOLINA THEISSEN. 1998, p. 65, tradução nossa).

Galeano narra o extermínio dos presos políticos sequestrados, através da cremação de seus corpos, em localidades afastadas das cidades e dos olhos da comunidade civil:

La Perla
A terceira guerra mundial
Do alto de uma colina, montado em seu alazão, um gaúcho argentino olha. José Julián Solanille vê chegar uma longa caravana militar. Reconhece o general Menéndez, que

⁷ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574203-prisao-perpetua-para-os-responsaveis-pelos-voos-da-morte-na-ditadura-argentina>>. Acesso em: 09/10/2020

⁸ Texto original em espanhol: “Cuando los militares latino-americanos empezaron a utilizar la práctica de la desaparición forzada de personas como un método represivo, creyeron que habían descubierto el crimen perfecto: dentro de su inhumana lógica, no hay víctimas, por ende, no hay victimarios ni delito” (MOLINA THEISSEN. 1998, p. 65).

viaja num Ford Falcon. Dos caminhões saem empurrados a golpes de fuzil muitos homens e mulheres. Estão encapuzados e têm as mãos amarradas nas costas. O gaúcho vê que um dos encapuzados se põe a correr. Escuta os tiros. O fugitivo cai e se levanta e várias vezes se levanta antes de cair de uma vez. Quando começa o fuzilamento geral, e homens e mulheres despencam como bonequinhas, o gaúcho esporeia seu cavalo e vai-se embora. Às suas costas cresce uma fumaça negra. Este vale, entre as primeiras ondulações da serra de Córdoba, é um dos muitos depósitos de cadáveres. Quando chove ergue-se a fumaça dos poços, por causa da cal que jogam sobre os corpos (GALEANO, 1998, p. 305).

Nesse cenário estarrecedor, surgem *Las Madres* e *Abuelas de Plaza de Mayo*, mulheres que em um ato extremado de amor, angústia e desespero vão à esta praça cobrar do general Videla o destino dado a seus parentes e encarcerados pela polícia e grupos ditatoriais. Esse movimento, inicialmente, causou estranheza à sociedade, visto o grupo ser composto por donas de casa, em sua maioria acima dos 40 anos de idade e sem experiência com a vida pública.

A valentia dessas mulheres, frente ao poder ditatorial, casou assombro e admiração àqueles que presenciaram ou tomaram conhecimento de seus atos de amor e bravura. A persistência e determinação delas com o passar dos meses atraiu a atenção e solidariedade de diferentes povos e nações; assim como fortaleceu e consolidou o movimento, que a cada dia, semana, mês aumentava o número de membros e apoiadores à causa.

Os desafios e obstáculos enfrentados por essas mulheres foram inúmeros e das mais variadas dimensões, porém nenhum deles foi capaz de desanimá-las ou detê-las. A cada dificuldade que se apresentava elas buscavam, em conjunto, superá-la e, guiadas pelo coração seguiam, decididamente, rumo ao alvo almejado: o reencontro com suas filhas, filhos, noras, genros e netos.

Vozes que ressoam através do silêncio

No livro *Memoria del fuego: el siglo del viento*, de Eduardo Galeano, nos deparamos com um grande número de sujeitos históricos, uma multiplicidade de vozes, que possuidoras de um discurso próprio e características individualizantes, confrontaram o poder exercido por governos autoritários e, individualmente ou na coletividade, transformaram o contexto histórico-social da sociedade em que viveram. Ainda, esses protagonistas fizeram ressoar às gerações futuras o valor da luta e da comunhão fraterna com seus pares, frente as investidas de dominação e subjugação por aqueles que detinham o poder e que se valeram desse como mecanismo de exploração e domínio social.

Dessa forma, toda a obra é permeada por discursos antagônicos que juntos compõem a urdidura narrativa. Vozes se manifestam e se revelam enquanto sujeitos, de sua própria

consciência, não mais como fruto da consciência criativa do autor. Isso reflete seu modo de ver e compreender as realidades em que estão inseridas. Mas como compreender essa teia discursiva e os atores que a compõe?

Mikhail Bakhtin, filósofo russo, em seu livro *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013), ao analisar a obra desse autor, apresenta o conceito de romance polifônico moderno, conceito esse amplamente interpretado e polemizado por estudiosos do tema em vários países do mundo, os quais concordam ou divergem dessa conceituação e aplicação no texto literário. Contudo, por compreender que tal teoria possibilita o desvelamento das diferentes vozes na urdidura do texto galeano, traçaremos uma sucinta reflexão sobre o tema.

Segundo Bakhtin (2013), a polifonia consiste nas diferentes vozes e consciências que dialogam na trama ficcional. Vozes e consciências essas dotadas de valores, crenças e convicções próprias acerca do mundo, do outro e de suas relações, as quais atuam de forma independente e autônoma, em consonância ou dissonância a voz do próprio autor-criador. O filósofo russo afirma que essas vozes se caracterizam e compõem-se da seguinte maneira:

Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, que se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes (consciências e vozes que participam do diálogo com as outras vozes em condição de absoluta igualdade, não se objetificam, isto é, não perdem o seu SER enquanto vozes de consciências autônomas) é seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimentos, mantendo a sua imiscibilidade (BAKHTIN, 2013, p.4-5).

No romance polifônico, “o autor não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências,” (BEZERRA, 2018, p. 195), pois é na interação dialógica que o sujeito revela ao outro “eu” (grifo nosso) seus sonhos, ideais, pontos de vista, juízo de valores, se reconhecendo e se constituindo como sujeito do próprio discurso. Nesse universo o autor é o “[...] regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável” (BEZERRA, 2018, p. 194).

Nessa perspectiva as personagens, protagonistas e antagonistas, deixam de ser marionetes nas mãos do autor ou do autor-criador, uma extensão das concepções filosóficas e ideológicas desses. Assumem, assim, seu papel como agente ativo no desenrolar dos fatos, com “sua linguagem, seu estilo, sua ênfase, pois não é ele, autor, quem fala, mas o outro que ele

reconhece como sujeito de seu próprio discurso e dono de sua própria maneira de exprimir-se” (BEZERRA, 2018, p. 196), conceber e exteriorizar o universo a sua volta.

Na análise do texto *Las Madres de la Plaza de Mayo*, que compõe a obra *Memoria del fuego: el siglo del viento*, pautada na teoria bakhtiniana, emerge no discurso narrativo diferentes vozes enunciativas: a voz histórica e social da Plaza de Mayo, que carrega em si toda uma simbologia de luta e poder; a voz do regime da ditadura militar; a voz do silêncio das mães e avós nas manifestações em busca de seus entes perdidos para o regime e a voz do narrador onisciente, conhecedor dos fatos apresentados, que se posiciona de forma analítica e crítica ante os acontecimentos relatados. A seguir analisaremos essas vozes e as relações polifônicas produzidas por elas, visando compreender seu papel e importância na construção e significação da narrativa.

As vozes da Plaza de Mayo

A Plaza de Mayo, situada no centro da capital Argentina, Buenos Aires, no bairro de Monserrat, é a praça pública mais importante e mais antiga da cidade. Ao redor da praça estão localizados edifícios históricos e representativos do poder constituído no país, como o Cabildo (sede da administração colonial), a Casa Rosada ou Casa de Governo (sede do Governo Nacional), o Palácio do Governo da Cidade de Buenos Aires, a Catedral Metropolitana (sede símbolo da dominância da igreja católica de uma região), bancos e ministérios. No centro da praça está a Pirâmide de Mayo, monumento construído em 1811 para celebrar o centenário da Revolução e entre esta e a Casa do Governo está localizado o Monumento equestre em homenagem ao General Manuel Belgrano, criador da bandeira nacional.

O nome da Plaza de Mayo teve origem na Revolução de Maio, luta organizada pelo povo argentino tendo como culminância o dia 25 de maio de 1810, nesta mesma praça, quando grupos patriotas realizaram um golpe contra a coroa Espanhola, que governava o país até então. Os patriotas, apoiados por crioulos, comerciantes e fazendeiros, descontentes com a política econômica adotada pelo sistema colonial, se aproveitaram da crise vivida pela Espanha, em fase das invasões napoleônicas, e expulsam das terras argentinas o vice-rei espanhol, assumindo a condução da nação e iniciando o processo de independência da Argentina, que se concretizou no ano de 1816.

No decorrer das décadas, a Plaza de Mayo, foi cenário de importantes acontecimentos que mudaram o rumo da história do país, os quais marcaram, profundamente, a vida do povo

argentino e fizeram do local um símbolo de combate, conquistas, protestos e celebrações. Dentre eles: as festas de comemoração do Centenário da Revolução de Maio; em 14 de outubro de 1945, mais de 1 milhão de pessoas se reuniram na praça para exigir a libertação do então Ministro do Trabalho, Juan Domingo Perón, preso pelas forças militares. Perón foi presidente da Argentina por três mandatos e essa data é celebrada até os dias atuais como o Dia da Lealdade Peronista; em 16 de junho de 1955, o povo estava mobilizado na praça em apoio a Perón, quando um bombardeio da Marinha e da Força Aérea Argentina matou cerca de 308 pessoas, além de um número indeterminado de feridos.

A partir de abril de 1977, mais uma vez a Plaza de Mayo se tornou palco de denúncia, quando as mães de presos políticos ressignificaram com suas reivindicações e protestos a história do espaço e consagraram aquele solo, definitivamente, como lugar de enfrentamento contra as injustiças políticas e sociais vivenciadas pelos cidadãos argentinos. Isso fez com que os olhos do mundo se voltassem para a praça e mulheres com suas bandeiras de luta⁹.

Na voz da Plaza de Mayo percebe-se uma pluralidade de vozes e significados: lugar de lazer e diversão do povo argentino; cartão postal e ponto turístico portenho, lugar representativo do poder e dominação de governos autoritários e regimes arbitrários durante décadas; os ecos das lutas e reivindicações de diferentes grupos sociais pelo direito a viverem em uma sociedade democrática e, finalmente, o espaço onde as mães e avós de presos políticos, da ditadura de 1976 a 1983, se mobilizavam para protestar e clamar pela restituição da vida de seus filhos e netos, retirando-os do aparelho repressor do Estado-nação. Esse movimento foi consagrado como *Las Madres de la Plaza de Mayo*, sendo amplamente difundido em outros países, resultando em grande notoriedade às mães, que por um sentimento puro e grandioso confrontaram as forças do poder ditatorial e à praça, lugar onde elas se reuniam e, ainda hoje (2021), se reúnem para juntas, numa batalha incansável, buscarem pela verdade e justiça.

O silêncio como voz de poder e resistência

E se o mundo sobreviver, os professores de história explicarão o século XX através dos seus símbolos: mostrarão aos seus alunos a garrafa de Coca-Cola, o futebol, a televisão, o computador, a bomba de neutrões. E para explicar a dignidade, mostrarão o lenço branco das rondas da Plaza de Mayo¹⁰.

⁹ A história da Plaza de Mayo, em Buenos Aires, Argentina está disponível em: https://www.edured.cu/Plaza_de_Mayo. Acesso em: 28/09/2020.

¹⁰ Texto original em espanhol: “Y si el mundo sobrevive, los profesores de historia explicarán el siglo XX a través de sus símbolos: mostrarán a sus alumnos la botella de Coca-Cola, la pelota de fútbol, el televisor, la computadora,

Eduardo Galeano

O autor Eduardo Galeano, na obra *Memoria del fuego: el siglo del viento*, no texto intitulado: *La Perla, A terceira guerra mundial*, retrata os horrores promovidos pelo regime ditatorial na Argentina. No texto fica evidente a concepção dos militares, representados por seu líder general Jorge Rafael Videla, acerca dos opositores à forma de governo implantado no país: “Terroristas, não são apenas os que põem bombas, mas também os que ativam com ideias contrárias à nossa civilização ocidental e cristã” (GALEANO, 1998, p. 305).

Tais palavras foram proferidas, pelo militar, como justificativa às atrocidades praticadas contra civis: homens, mulheres, crianças, estudantes, intelectuais, políticos, membros de sindicatos, assim como a todo e qualquer cidadão que não se submetesse aos preceitos ditatoriais, após a implantação da última ditadura militar na Argentina no ano de 1976.

Esse regime de governo, a partir do momento que entrou em vigor, instaurou o medo, o terror e a total ausência de justiça em todo território argentino. Cidadãos foram arrancados, por grupos de extermínio, do aconchego de seus lares e familiares sequestrados-desaparecidos sem nenhuma explicação ou vestígio.

Os pais dos presos políticos, desesperados com o sumiço de seus filhos, em muitos casos, sem um motivo justificável, saíram em busca de notícias, revirando a cidade, praças, avenidas, hospitais, delegacias, necrotérios, sacristias de igreja e qualquer outro lugar que houvesse a possibilidade de encontrar seus entes queridos. Nada! Nenhuma notícia ou informação sobre o paradeiro deles.

Com o passar dos dias os homens tiveram que retomar o trabalho, pois dependiam dele para garantir o sustento da família. Então, as mães com o coração dilacerado pela dor e sofrimento, tendo como inimigo primeiro, séculos e séculos de submissão, silêncio e distanciamento social, no qual foram gestadas e educadas, decidiram se desvencilharem das amarras que as prendiam e arrastavam ao longo da história.

Essas mulheres diante da fatalidade a que eram colocadas, renascem para um novo ciclo em suas vidas, no qual saem do anonimato, da invisibilidade, dos limites de suas casas e atividades domésticas, para unidas a outras mães que experienciavam a mesma tragédia, clamarem pela restituição da vida de seus rebentos, pela justiça há muito abandonada.

la bomba de neutrones. Y para explicar la dignidad, mostrarán el pañuelo blanco de las rondas de Plaza de Mayo” (Eduardo Galeano). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6Bqy8sX6xwSwV7Rhc4bn8dH/?format=html>. Acesso em: 25/06/2021.

Assim, no dia 30 de abril de 1977, cansadas da busca e espera por notícias de seus filhos, catorze mães, em sua maioria donas de casa, lideradas por Azucena Villaflor de Vincenti, decidiram reunir-se na Plaza de Mayo, em frente à Casa Rosada, sede do governo argentino, para cobrar de Jorge Videla um posicionamento sobre o destino dado a seus familiares, que até aquele momento acreditavam estar encarcerados¹¹.

Devido ao regime ditatorial, todo o país encontrava-se em estado de sítio, sendo vedado à população o agrupamento de três ou mais pessoas no espaço público. A fim de evitar a aglomeração de mães na praça, a polícia determinou que elas circulassem, não falassem umas com as outras e que não ficassem ali paradas em grupos. Elas obedeceram à determinação e em duplas, de braços dados, começaram a caminhar em círculo em torno do monumento, a Pirâmide de Mayo, localizada no centro da praça, no mais absoluto silêncio.

As *Madres*, realmente, fizeram do silêncio uma arma de luta e resistência contra o regime militar, silêncio esse carregado de lamento de agonia, repleto de significação, cujo eco ressoou em toda terra argentina e além-mar. Por consequência, fortaleceu o dia a dia do movimento, agregando em torno dele o apoio e a solidariedade de diferentes segmentos da sociedade portenha e de outros lugares do globo.

Um silenciamento determinado, imposto, porém dotado de significação e representação, endossando as palavras de Orlandi, que atesta: “quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio “fala” por elas [...]” (ORLANDI, 2007, p.14, grifo da autora).

Com o passar dos meses foram se somando um número cada vez maior de mães, que conjuntamente, decidiram adotar o *pañuelo* (lenço) em suas cabeças, feitos com as fraldas usadas por recém-nascidos, simbolizando os filhos e netos perdidos, eternas crianças no coração materno. Ainda, os lenços representavam a resistência daquelas progenitoras à violência e autoritarismo ditados pelos violadores da liberdade e justiça de toda uma nação.

As *Madres* enfrentaram inúmeras adversidades e superaram seus próprios limites no confronto aos atos do governo, como ponderado por Gorini:

Não foi fácil para estas mulheres, algumas já de idade avançada, levar adiante a iniciativa. A caminhada foi por si só extenuante, mas, além disso, se tornou mais desgastante ainda pela pressão da polícia, pelo clima hostil – em algum momento começou uma intensa chuva sobre os manifestantes – e pela intimidação que sofreram durante a noite, quando apagaram as luzes da Plaza para tentar assustá-las. Ao ver tudo que acontecia. Um jornalista francês, Jacques Deprés, disse às Madres algo que

¹¹ Disponível em: <https://www.socialistamorena.com.br/para-nao-esquecer-a-historia-das-maes-da-plaza-de-mayo-na-argentina/>. Acesso em: 28/09/2020.

lhes pareceu dar um sentido a todo o terrível esforço que estavam fazendo: “Se vocês permanecem toda a noite, nunca mais poderão tirá-las da Plaza (GORINI, 2017, p. 416).¹²

De fato, “a profecia do jornalista francês” se cumpriu. O amor de mãe falou mais alto e mais forte que todas as intempéries que foram surgindo no decorrer do percurso de luta pela verdade e justiça no desvelamento dos crimes praticados a seus diletos filhos e netos, alimentado pela esperança e o anseio do reencontro e de poder trazer junto ao peito, num intenso abraço seus amados. Nenhum obstáculo foi capaz de deter tais mulheres: os séculos de submissão ao sexo masculino, as normas culturais que delimitavam seu espaço de atuação, a baixa escolaridade e a classe social inferior.

Como forma de enfretamento as autoridades governamentais, elas passaram a se reunir todas as quintas-feiras, às 15h30, para unidas em um coro de vozes, dar voltas e voltas em torno da Pirâmide no intuito de sensibilizar o povo argentino e o resto do mundo da urgência da busca empreendida e da necessidade de responsabilização pelo desaparecimento de seus filhos e netos.



Imagem: 1 - A marcha da Madres na Praça de Mayo em 1981. Fonte: Carlos Villoldo / NOTICIAC. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ditadura-argentina-maes-praca-maio/>. Acesso em: 07/04/2021.

As mobilizações não se restringiram somente à Plaza de Mayo, as mães se reuniam em outros espaços, participavam de grandes eventos, como a peregrinação a Basílica de Luján, celebração católica na província de Buenos Aires, onde se reuniu para o evento um milhão de jovens. Elas cercavam as autoridades por todos os lados, não permitindo que se esquecessem das mães “paridas de seus filhos” (GALEANO, 1998, p. 311). Através de sua presença contínua

¹² Tradução de: Maria Fernanda Garbelo de Aragão Ponzio

no cenário social, as *Madres* não permitiam que os ditadores se esquecessem da dívida moral e ética que tinham com cada uma delas e com toda as famílias argentinas. Galeano, no texto, *As intrusas perturbam uma tranquila digestão do corpo de Deus*, relata um desse episódios:

Numa grande igreja de Madri, com missa especial se celebra o aniversário da independência argentina. Diplomatas, empresários e militares foram convidados pelo general Leandro Anaya, embaixador da ditadura que lá longe está trabalhando para garantir a herança da pátria, da fé e das demais propriedades. [...] Chega o momento da comunhão. Rodeado de guarda-costas, o embaixador argentino se aproxima do altar. Ajoelha-se, fecha os olhos, abre a boca. Mas já se desdobram os lenços brancos, já os lenços brancos estão cobrindo as cabeças das mulheres que avançam pela nave central e pelas naves laterais: as Mães da Praça de Mayo caminham suavemente, algodoado tumor, até rodear os guarda-costas que rodeiam o embaixador. Então olham fixamente para ele. Simplesmente, olham com olhar fixo para ele. O embaixador abre os olhos, olha aquelas mulheres todas que estão olhando para ele sem piscar e engole saliva, enquanto se paralisa no ar a mão do sacerdote com a hóstia entre os dedos. A igreja inteira está cheia delas. De repente no templo já não há santos nem mercadores, não há nada além de uma multidão de mulheres não convidadas, negras vestes, brancos lenços, todas caladas, todas de pé (GALEANO, 1998, p. 319-320).

Em virtude da coragem, engajamento e persistência dessas mulheres, da promoção de ações contínuas de confronto as lideranças políticas, como a descritas anteriormente, e do rápido aumento do número de mães a cada quinta-feira na praça, as autoridades ditatoriais começaram a chamá-las de “loucas”, como forma de desacreditar e induzir a extinção do movimento. Tal ideia foi difundida também pelo povo argentino, que as discriminavam e as apontavam como loucas, subversivas e mães de revolucionários.

Já se passaram 44 anos, desde o início da ferrenha e incansável batalha contra a força do poder. Algumas mães se perderam pelo caminho, mortas pelo regime militar, numa tentativa frustrada de destruir o movimento. Todavia, as barreiras que lhes foram impostas não puderam contê-las, mas sim, serviram de trampolim para irem adiante e sempre, não só pelos seus, individualmente, mas agora como mães de todos aqueles, cuja intolerância arrancou a vida ou promoveu cicatrizes profundas na alma dos sobreviventes, cujo único crime foi sonhar com uma pátria em que todos tivessem o direito à voz, a liberdade e a igualdade de direitos.

A ditadura Argentina teve fim em 1983 com a eleição de Raúl Ricardo Alfonsín Foulkes, entretanto *Las madres de la Plaza de Mayo* não se deram por satisfeitas, nem encerraram suas atividades. Elas iniciaram um novo confronto: a punição, pela justiça comum, dos carrascos e algozes de um número ainda impreciso de vítimas, que perdura até os dias atuais.

Eduardo Galeano, ao narrar na obra *Memoria del Fuego: el siglo del viento*, as lutas e a resistência das Madres de la Plaza de Mayo, na Argentina, eternizou através do relato literário as vozes silenciadas pelo governo ditatorial. Silêncio esse que não sinalizou o conformismo dessas mulheres ante a ideologia, métodos de repressão, eliminação e terrorismo aplicados a

seus filhos e netos, mas sim o enfrentamento ao regime, a inabalável decisão em reclamar pela vida dos seus e trazer à tona a verdade dos fatos e a punição dos algozes de seus entes queridos.

Ainda, através do texto histórico-literário, Galeano contribuiu para que essas vozes ressoassem em toda terra argentina e além dela, levando a lugares distantes o exemplo de amor, união e garra dessas mães, que fizeram da dor e da perda um momento de renascimento e reconhecimento do seu papel como mulher e agente de transformações históricas e sociais.

A voz de las madres de “las locas”: a busca pelos netos desaparecidos

Trabajamos pelas nossas crianças e pelas crianças das futuras gerações, para preservar a sua identidade, as suas raízes e a sua história, pilares fundamentais de Toda a identidade”¹³.

Abuelas de Plaza de Mayo

A luta das *Madres de la Plaza de Mayo* continuava e pressionava as autoridades com as buscas dos filhos desaparecidos. Enquanto isso, as forças repressivas intensificavam as perseguições, os sequestros-desaparecimentos, as prisões em massa e das mães que se aglomeravam todas às quintas-feiras na praça em frente à Casa Rosada, sede do governo federal.

As Madres persistiam em seus propósitos, não se amedrontavam ante a pressão e o cerco militar, resistiam destemidamente à coerção, respondendo a ela com o silêncio determinado de quem pretendia seguir adiante e sempre até que obtivesse notícias, informações do paradeiro de seus amados filhos.

Em um desses momentos de mobilização das mães na praça, no ano de 1977, um fato inusitado marcou a história dessas mulheres. Uma mãe se afastou do grande grupo e questionou algumas das integrantes do movimento *Las Madres de Plaza de Mayo*: "Quem está à procura do seu neto, ou tem a sua filha ou nora grávida?"¹⁴ (MAYO, 2007, p. 19, tradução nossa). As mães se entreolharam e sem terem o que responder, pois não haviam analisado esse aspecto da tragédia, foram saindo uma a uma cabisbaixa e em silêncio. Porém, compreenderam naquele momento, a necessidade de se organizarem e formarem um grupo para unidas empreenderem, também, a busca por seus netos desaparecidos juntos com os pais.

¹³ Texto original em espanhol: “Trabajamos por nuestros niños y por los niños de futuras generaciones, para preservar su identidad, sus raíces y su historia, pilares fundamentales de Toda identidad” (MAYO, 2015, p. 11, tradução nossa).

¹⁴ Texto original em espanhol: “¿Quién está buscando a su nieto, o tiene a su hija o nuera embarazada?”.

Assim, doze mães/avós, lideradas por Raquel Radío de Marizcurrena, no sábado daquela mesma semana, se reuniram e deram início ao movimento por elas nomeados de *Abuelas Argentinas con Nietitos Desaparecidos* (MAYO, 2007, p. 19). Algum tempo depois, “adotaram o nome que o jornalismo Internacional as chamava: Abuelas da Plaza de Mayo”¹⁵ (MAYO, 2007, p. 19), Como símbolo da luta a ser travada contra os terroristas de Estado, adotaram o lenço branco, como as Mães, e continuaram participando dos encontros e mobilizações organizadas por elas na Plaza de Mayo.

Cientes do número de crianças desaparecidas com seus pais, inclusive daquelas que ainda não haviam nascido na ocasião dos sequestros, as *Abuelas* começaram uma busca sem tréguas aos “500 netos” (MAYO, 2007, p. 113), espoliados pela Ditadura Militar. Essas mulheres em meio a dor da separação, ao sofrimento provocado pela falta de notícias, pelo silêncio e menosprezo das lideranças governamentais e da sociedade, começaram um trabalho de investigação, que lhes conferiram o título de “*Las abuelas detectives*”, como mencionado por Eduardo Galeano (1998), na obra em análise:

[...] as Avós da Praça de Mayo andam em busca dos netos perdidos. Esses bebês, aprisionados com seus pais ou nascidos em campos de concentração, foram repartidos como butim de guerra; e vários têm como pais os assassinos de seus pais. As avós investigam a partir do que houver, fotos, dados soltos, uma marca de nascimento, alguém que viu alguma coisa, e assim, abrindo passo a golpes de sagacidade e de guarda-chuva, já recuperaram alguns (GALEANO, 1998, p. 343).

Galeano enfatiza no fragmento a inteligência e perspicácia dessas mulheres, que dotadas de criatividade e sagacidade, passaram a se reunir periodicamente. Para desviar a atenção da polícia e equipes de repressão, se encontravam em igrejas, cafés e lugares públicos. Nestas ocasiões simulavam encontros de entretenimento entre amigas, que se reuniam para comemorarem um aniversário, um bate-papo informal ou, simplesmente, crochetares e tricotares juntas.

Ao se comunicarem por telefone criavam códigos, que impediam as redes de inteligência de compreenderem o teor de suas conversas: “o homem branco” era o Papa; “filhotes”, “cadernos” e “flores” eram as crianças; as “meninas” ou as “jovens” eram as Mães, e as “velhas” ou as “tias velhas” eram elas mesmas”¹⁶ (MAYO, 2007, p. 23, tradução nossa).

¹⁵ Texto original em espanhol: *Abuelas Argentinas con Nietitos Desaparecidos*, [...] adoptaron el nombre con que el periodismo internacional las llamaba: *Abuelas de Plaza de Mayo*.

¹⁶ Texto em Espanhol: “el hombre blanco” era el Papa; “cachorros”, “cuadernos” y “flores” eran los niños; las “chicas” o las “jóvenes” eran las Madres, y las “viejas” o las “tías viejas” eran ellas mismas.

Elas sempre encontravam uma maneira de burlar o controle exercido pelas autoridades e dia a dia avançavam no rastreio das pistas levadas a elas por pessoas simpatizantes do movimento.

Entretanto, assim como as *Madres*, as *Abuelas* enfrentaram muitas dificuldades e oposições na procura por seus netos desaparecidos, inclusive de autoridades jurídicas, como bem salientado nas palavras da juíza Delia Pons, de Lomas de Zamora, do Tribunal de Menores Nº 1:

Estou convencida de que seus filhos eram terroristas, e terrorista é sinônimo de assassino. Aos assassinos eu não penso devolver-lhes os filhos porque não seria justo fazê-lo. Não têm direito a criá-los. Também não vou me pronunciar pela devolução das crianças às senhoras. É ilógico perturbar essas criaturas que estão nas mãos de famílias decentes que saberão educá-los como vocês não souberam fazê-lo com seus filhos. Só debaixo do meu cadáver vão conseguir a custódia desses meninos¹⁷ (MAYO, 2007, p. 26, tradução nossa).

Diante dessas palavras, que representavam não só o posicionamento da juíza, mas também de outros ramos da sociedade, como membros da Igreja Católica, empresários, políticos aliados ao governo e, até mesmo, da comunidade argentina, as *Abuelas* não se intimidaram, mas buscaram apoio dentro e fora do país à causa pleiteada.

Logo, os resultados do enfrentamento ao regime militar e das investigações começaram a surgir. Netos começaram a ser encontrados em terras argentinas e fora delas como o caso da boliviana Rosa Mary Riveros Telleira e sua filha Tamara Ana María Arze, narrado por Eduardo Galeano no livro *Memoria del Fuego: el siglo del viento*. A mãe e a filha foram separadas pela perversidade do governo ditatorial argentino: “Rosa foi torturada, sob o controle de um médico que mandava parar, e violentada, e fuzilada com balas de festim. Passou oito anos presa, sem processo nem explicações, até que no ano passado a expulsaram da Argentina” (GALEANO, 1998, p. 344).

Com a prisão de Rosa, Tamara foi lançada a própria sorte, pois não tinha familiares na Argentina e vivia com a mãe e uma amiga, que também foi capturada e detida. A indefesa menina “desapareceu com um ano e meio de idade, não foi parar em mãos militares. Está numa aldeia suburbana, na casa da boa gente que a recolheu quando foi jogada por aí” (GALEANO, 1998, p. 343-344).

¹⁷ Texto original em espanhol: “Estoy convencida de que sus hijos eran terroristas, y terrorista es sinónimo de asesino. A los asesinos yo no pienso devolverles los hijos porque no sería justo hacerlo. No tienen derecho a criarlos. Tampoco me voy a pronunciar por la devolución de los niños a ustedes. Es ilógico perturbar a esas criaturas que están en manos de familias decentes que sabrán educarlos como no supieron hacerlo ustedes con sus hijos. Sólo bajo mi cadáver van a obtener la tenencia de esos niños”.

A mãe, nos anos detida em cativo, inconformada com o afastamento forçado da filha, buscava, constantemente, informações sobre o destino reservado a ela, mas ninguém lhe dizia nada para aliviar a angústia e a preocupação. Assim, antes de se exilar em Genebra, pediu às *Abuelas* que encontrassem a garota.

Apesar das poucas informações recebidas sobre o desaparecimento da menina, atendendo o “pedido da mãe, as avós empreendem a busca. Contavam com poucas pistas” (Galeano, 1998, p. 344). “Em 12 de junho de 1983 as avós Mirta Baravalle e Rosa Roisinblit localizaram Tamara na localidade bonaerense de Guernica¹⁸. A menina, nessa altura, tinha nove anos¹⁹” (MAYO, 2007, p. 50, tradução nossa).

Na cidade onde vivia com a família que a havia acolhido na sua meninice, a “Cada manhã, Tamara vende querosene num carro puxado por um cavalo, mas não se queixa da sorte; e a princípio não quer nem ouvir falar de sua mãe verdadeira” (GALEANO, 1998, p. 344), pois acreditava ter sido abandonada por ela, apesar da pouca idade que tinha quando tudo ocorreu.

Quando Rosa desapareceu Tamara era muito pequena, não trazendo consigo a lembrança do amor primeiro. A recordação que tinha era daqueles que a haviam acolhido e ofertado a ela um lar, mesmo que simples e desprovido de riquezas materiais. A mãe, o pai e irmãos conhecidos eram aquela humilde família.

Assim, a primeira reação dela ao saber da existência da mãe biológica foi de rejeição, pois não compreendia como ela pode deixá-la tão pequena e por tantos anos. Ainda, ela tinha apego a família que a criou e conheceu, gerando um imenso conflito interior na menina. As avós interviram mediando a reaproximação das duas e “Muito aos pouquinhos as avós vão lhe explicando que ela é filha de Rosa, uma operária boliviana que jamais a abandonou” (GALEANO, 1998, p. 344).

O carinho, a paciência e a sabedoria empregados por essas mulheres foram aos poucos derrubando as barreiras, vencendo a resistência de Tamara e dos pais adotivos, que não concordavam em devolvê-la a sua progenitora. Após um longo período de diálogo, Tamara cede aos impulsos do coração e a força dos laços sanguíneos e os antigos vizinhos e responsáveis pela garota concordam com sua partida.

¹⁸ Guernica está localizada no distrito de Presidente Perón, no sul da Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA), a 37 km da Capital Federal. Disponível em: <https://www.mdzol.com/sociedad/2020/10/29/donde-queda-guernica-detalles-sobre-la-ciudad-mas-comentada-115175.html>. Acesso em: 16/04/2021.

¹⁹ Texto original em espanhol: “El 12 de junio de 1983 las Abuelas Mirta Baravalle y Rosa Roisinblit localizaron a Tamara en la localidad bonaerense de Guernica. La niña, por entonces, tenía nueve años”.

Estela Carlotto e María Isabel de Mariani (Chicha) levaram Tamara a Lima, no Peru, onde Rosa Mary a estava aguardando. Galeano, narra esse momento ímpar na vida dessas sobreviventes do tenebroso regime militar:

Em Lima, Rosa e Tamara se descobrem. Olham-se no espelho, juntas, e são idênticas: os mesmos olhos, a mesma boca, as mesmas pintas nos mesmos lugares. Quando chega a noite, Rosa banha a filha. Ao deitá-la, sente um cheiro leitoso, adocicado; e torna a banhá-la. E outra vez. E por mais que esfregue o sabonete, não há maneira de tirar-lhe esse cheiro. É um cheiro raro... e de repente, Rosa recorda. *Este é o cheiro dos bebês quando acabam de mamar: Tamara tem dez anos e nesta noite tem cheiro de recém-nascida* (GALEANO, 1998, p. 344, grifo nosso).

A restituição de Tamara a sua família biológica foi, realmente, o renascimento da garota, que ao ter a sua identidade e a sua história de vida a ser reconstituída, renasce para uma nova vida, para um novo ciclo. Para Rosa ela significou o ressignificar da própria existência. Um tempo, no qual o passado será uma cicatriz que fortalecerá os laços fraternos e o amor, a felicidade e a esperança, de dias melhores, a luz que ilumina o horizonte rumo a um futuro a ser construído juntas.

O narrador, ao relatar o reencontro entre Rosa Mary e Tamara, evidencia toda sua indignação com o sequestro, prisão, tortura e exílio de Rosa Mary pelos promotores do regime militar e com os traumas vividos pela filha de Rosa oriundos dos anos de separação e privação da presença materna. Porém, é comovente a exaltação à dedicação e astúcia das *Abuelas* pelo locutor dos fatos, em todo processo de busca e convencimento da garota sobre os fatos que a distanciaram de sua genitora. Ele faz emergir do discurso literário a valoração e reconhecimento da magnitude da intervenção e precisão das ações dessas senhoras na efetivação do encontro entre mãe e filha.

Infelizmente, nem todas as crianças sequestradas ou nascidas em cárceres, no período ditatorial, tiveram a mesma sorte de Tamara. Algumas foram identificadas pelo atestado de óbito; outras assassinadas no ventre de suas mães; outras desapareceram juntos com seus pais. Ademais, há aquelas que mesmo com dúvida ou certeza de não pertencerem à família em que estão legalmente unidas, por amor ou gratidão àqueles que os criaram, optaram por não remexer o passado, preferindo negligenciar seus parentes, sua identidade e história de vida.

Tamara não foi a primeira neta a ser encontrada com vida e restituída a seus entes queridos. Até o ano de 2019, já se somava 130 netos localizados e entregues aos familiares (MAYO, 2007, p. 33-49). Crianças, jovens e adultos que puderam conhecer sua real identidade e juntos com os seus iniciarem um novo capítulo em suas histórias de vida.

O legado deixado pelas *Las Abuelas de Plaza de Mayo*, às crianças e jovens da geração contemporânea e futura, às famílias e sociedade argentina, é imensurável. Dentre essa herança, podemos citar: o *Índice de Abuelidad*, que por meio de testes sanguíneos, precedeu métodos mais avançados de identificação e comprovação de vínculos biológicos; a batalha pela criação do Banco Nacional de Dados Genéticos, em 1987 pela Lei 23.511²⁰; participação ativa na incorporação dos artigos 7, 8 e 11 à Convenção sobre os Direitos das Crianças, assegurando a todas as crianças do mundo o Direito à Identidade²¹; a criação da CONADI²²; a formação do Arquivo biográfico familiar de *Las Abuelas de Plaza de Mayo*²³; a composição da Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF)²⁴.

Muitas das *Abuelas* já seguiram o ciclo natural da vida, partiram desse mundo sem viverem a alegria do reencontro, da partilha, do convívio, do abraço apertado e do carinho fraternal de seus descendentes. Àquelas que ainda vivem, continuam na luta para que prevaleça a verdade dos fatos transcorridos, pela justiça e punição dos criminosos, assim como na busca por aqueles que continuam desaparecidos, na esperança de que estejam em algum lugar a esperá-las, desejosos assim como elas, mesmo que inconscientemente, do retorno à casa paterna, ao lar do qual foram brutalmente arrastados.

Com base no exposto, fica evidenciado que as vozes e o protagonismo dessas mulheres frente a Ditadura Militar, da Argentina, são incontestáveis e seus testemunhos de amor e perseverança se constituem em símbolo de resistência e vitória ante os perversos generais do terrorismo de Estado. As *Abuelas*, mulheres submissas historicamente, transformaram um

²⁰ O Banco Nacional de Dados Genéticos (BNDG) é um órgão autônomo e autárquico, criado em 1987 pela Lei 23.511. É um arquivo sistemático de material genético e amostras biológicas de familiares de pessoas sequestradas e desaparecidas durante a ditadura militar argentina. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/ciencia/informacion-al-ciudadano/datosgeneticos>. Acesso em: 17/04/2021.

²¹ Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/noticia-difusion/convencion-sobre-los-derechos-del-nino-40>. Acesso em 17/04/2021.

²² A CONADI foi criada em novembro de 1992, a pedido da organização Avós de Plaza de Mayo, com o objetivo de promover a busca e localização de crianças desaparecidas durante a última ditadura militar. Disponível em: <http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/conadi>. Acesso em: 17/04/2021.

²³ “Arquivo biográfico familiar de Avós de Plaza de Mayo, criado em 1998, por meio de um acordo entre a Faculdade de Ciências Sociais da UBA e as avós. A finalidade do projeto, que continua até hoje, é reconstruir a história dos pais desaparecidos das crianças apropriadas, através do relato de familiares e amigos, para recuperar suas histórias de vida a fim de conservar a memória e garantir o direito à identidade ao longo do tempo” (MAYO, 2007, p. 38, tradução nossa).

²⁴ “A Antropologia Forense é uma especialidade que se dedica à recuperação e análise de restos ósseos para fins de identificação num contexto médico-legal. [...] A tarefa da EAAF consiste em investigar e documentar casos de violações de direitos humanos e humanitários que envolvam a busca, recuperação, determinação da causa da morte e identificação das vítimas de desaparecimentos e assassinatos, devolver os restos mortais a suas famílias e apresentar evidências científicas nos tribunais que investigam esses casos”. Disponível em: <https://eaaf.org/quienes-somos/que-hacemos/>. Acesso em: 17/04/2021.

momento de perda, dor, sofrimento, abandono e silêncio dos poderes constituídos e da sociedade, em oportunidade para ressignificar sua existência, fazendo da morte/desaparecimento dos filhos e netos, um tempo de renascimento e reconhecimento do seu papel como agentes transformadoras dos rumos políticos, sociais e históricos de toda a nação argentina.

A voz em um regime que cala

O governo ditatorial indignado com a coragem daquelas mulheres, que ousavam desafiar o poder por ele exercido, bem debaixo de seus olhos e ouvidos, lançou mão de várias estratégias com o objetivo de conter o avanço vertiginoso do movimento. O primeiro deles foi nomeá-las de “as loucas” e subversivas, tentando convencer a opinião pública de que não reconheciam o objeto de suas reivindicações, assim como não tinham conhecimento do paradeiro de seus familiares.

A sociedade argentina nos primeiros meses, induzida por esse discurso, se posicionou contrária às mobilizações promovidas pelas mães e avós, discriminando-as e apoiando o mandatário do regime militar. Entretanto, elas não recuaram em seus propósitos e seguiram com as buscas e protestos semanais na *Plaza de Mayo*.

Diante da insistência e determinação dessas mulheres na elucidação dos acontecimentos e do paradeiro dos seus, o governo ditatorial decide infiltrar no interior do movimento o tenente da Marinha argentina Alfredo Astiz, que se apresentou a elas como um desesperançado parente de vítima desaparecida. As mães o acolhem e o denominam:

[...] O anjo, por causa de sua loura cara de bebê. Estava há alguns meses trabalhando com as mães, sempre sorridente, sempre disposto a dar uma mão, quando uma tarde, na saída de uma reunião, os soldados agarraram várias das militantes mais ativas do movimento. Essas mães desapareceram, como seus filhos, e nunca mais se soube (GALEANO, 1998, p. 337-338).

Esse militar ganhou a simpatia, a confiança e o carinho das mães, passando a participar dos encontros em que elas, conjuntamente, discutiam e planejavam novas intervenções públicas, com o propósito de avançar nas buscas e reencontro de seus amados. Assim, ele tomava conhecimento das mães que davam sustentação e motivava a permanência delas na causa, bem como de cada passo a ser dado por elas.

Em posse das informações que almejava, o tenente executa seus ardilosos planos, identifica as líderes do grupo, Azucena Villaflor, Esther Careaga e Mary Ponce de Bianco, assim como a freira francesa Alice Domone e outras mulheres (IRAMAIN, 2017, p. 14-18),

que acabaram capturadas na saída de reuniões. Logo, eram enclausuradas, torturadas e mortas como forma de represália e implantação do medo e pavor no restante do grupo, acreditando dessa forma extinguir todo o movimento. “As mães sequestradas tinham sido apontadas pelo Anjo, ou seja, o tenente de fragata Alfredo Astiz, membro do Grupo de Tarefas 3.3.2 da Escola de Mecânica da Armada, de longa e destacada atuação nas câmaras de tormento” (GALEANO, 1998, p. 338).

Todavia, a ação surtiu um efeito contrário e não previsto pelos militares, pois a sementeira feita por Azucena Villaflor já havia produzido frutos no coração de suas companheiras e as palavras da amiga norteou o caminho a ser seguindo sem ela: “Todos os desaparecidos são nossos filhos” (IRAMAIN, 2017, p. 43). Assim, essas resolutas mulheres assumiram o compromisso de abraçar, acolher e lutar pela e justiça de cada vítima, como por seu próprio ente querido, e seus familiares. Elas encontraram na dor da perda de suas amigas/irmãs de ideais, motivação para continuarem o combate contra o sistema, agora, também em prol da punição dos malfeitores que ceifaram a vida de suas companheiras.

Com passar do tempo, a efervescência dos fatos e sua repercussão nos meios de comunicação e na sociedade argentina foram amenizados, denotando certa tranquilidade e retomada das questões econômicas, políticas e sociais. Enquanto as mães perseveravam em seus objetivos, trazendo no peito a dor e abatimento que não podiam ser calados. Os comandantes dos horrores e atrocidades continuaram suas operações com dissimulada indiferença ao drama vivenciado pelas famílias, assim descrita por Galeano: “Normalizada a situação, o dólar está barato e certa gente também. [...] Com toda a normalidade, o Ministro de Economia caça leões e girafas nas selvas africanas e os generais caçam trabalhadores nos subúrbios de Buenos Aires” (GALEANO, 1998, p. 312).

Em 14 de dezembro de 1979, o general Videla participou de uma entrevista coletiva com a imprensa de diferentes meios de comunicação, em um dos salões da Casa Rosada, em Buenos Aires, sendo ela transmitida para todo o país. Quando o presidente da Argentina foi questionado, por um dos repórteres presentes, sobre o destino dado ao imenso número de desaparecidos políticos pelo regime, ele respondeu com toda frieza:

Vou lhes dizer que a pessoa desaparecida, como tal, é um desconhecido, uma incógnita. Se o homem aparecesse teria um tratamento X, se a aparição se convertesse em certeza de seu falecimento tem um tratamento Z, porém, enquanto ele estiver

desaparecido não pode ter tratamento especial, não tem identidade, não está nem morto nem vivo...está desaparecido, frente a isso não podemos fazer nada,” Videla²⁵.

Na fala do ditador fica evidente o engendramento das ações militares, as nuances do planejamento de cada ação no sequestro-tortura-desaparecimento das vítimas pelo regime, evidenciando o “êxito” em não deixar sinais, pistas, vestígios da passagem dos reféns pelos locais apontados como cárceres, assegurando a esses assassinos a impunidade e a certeza de saírem ilesos desse processo por eles desenvolvido e executado.

Após o estudo e pesquisa sobre o tema, evidenciou-se que as vozes do regime militar propagadas pela ditadura militar em países latino-americanos entre os anos de 1964 a 1983, funestamente, também ressoaram em algumas camadas das sociedades em que vigorou o regime e a filosofia por ele apregoados. Órgãos públicos e privados, líderes de doutrinas religiosas, empresários, assim como cidadãos comuns movidos pela intolerância político-partidária, social, ideológicas e religiosas, acreditando estarem salvando, protegendo a pátria das ameaças de grupos de esquerda se organizaram e decidiram intervir a fim de eliminar tais concepções. Tal assertiva encontra-se expressa nas palavras do líder ditatorial pronunciadas no seu discurso ao assumir a presidência da república no dia 30 de março de 1976:

Pelo simples fato de pensar diferente dentro de nosso estilo de vida ninguém é privado de sua liberdade, mas consideramos que é um delito grave atentar contra o estilo de vida ocidental e cristão querendo mudá-lo por outro que nos é estranho, e neste tipo de luta não só é considerado como agressor o que agride através da bomba, do disparo ou do sequestro, mas também aquele que no plano das ideias queira mudar nosso sistema de vida através de ideias que são justamente subversivas; ou seja, subvertem valores, mudam, alteram valores...²⁶

Para esses “semideuses”, todos àqueles que pensavam e se posicionavam contrários a condução dada por eles ao destino da pátria eram inimigos/subversores do Estado, da ordem pública e da tranquilidade social. Assim, esses castradores de ideais que diferiam dos seus se uniram no propósito de banirem esses últimos do convívio social (grifo nosso):

[...] as Forças Armadas assumiram o governo da nação. Só o Estado, para o qual não aceitamos o papel de mero espectador do processo, terá de monopolizar o uso da força e consequentemente só as suas instituições cumprirão as funções ligadas à segurança

²⁵ Disponível em: <https://www.lavoz.com.ar/noticias/politica/videla-1979-no-esta-muerto-ni-vivo-esta-desaparecido>. Acesso em: 17/10/2021.

²⁶ Declaraciones del teniente general Jorge R. Videla a periodistas británicos, publicadas en el diario *La Prensa* el 8 de diciembre de 1977. Texto original em espanhol: “Por el solo hecho de pensar distinto dentro de nuestro estilo de vida nadie es privado de su libertad, pero consideramos que es un delito grave atentar contra el estilo de vida occidental y cristiano queriéndolo cambiar por otro que nos es ajeno, y en este tipo de lucha no solamente es considerado como agresor el que agride a través de la bomba, del disparo o del secuestro, sino también aquel que en el plano de las ideas quiera cambiar nuestro sistema de vida a través de ideas que son justamente subversivas; es decir subvierten valores, cambian, trastocan valores...”. Disponível em: <https://www.educ.ar/app/files/repositorio/html/01/57/a2ed79c9-d5f3-48fd-862b-b0c72e42ecd5/14393/data/61385c44-c852-11e0-81f8-e7f760fda940/anexo3.htm>. Acesso em: 29/04/2021.

interna. Utilizaremos essa força quantas vezes for necessária para assegurar a plena vigência da paz social. Com esse objetivo combateremos, sem trégua, a delinquência subversiva em qualquer de suas manifestações, até seu total aniquilamento²⁷.

O governo ditatorial argentino e grupos repressivos sob sua coordenação deixaram um rastro de violência, crueldade e desaparecimento de cerca de 30 mil pessoas, de acordo com os órgãos de direitos humanos²⁸. Também, vidas humanas foram ceifadas e outras impactadas pelos crimes praticados pelo regime e as cicatrizes, ainda hoje, não foram saradas, pois enquanto houver uma família a procura dos seus, encontrando mesmo que seja apenas os restos mortais para depositarem em um sepulcro por eles escolhidos, a luta seguirá adiante e sua memória passará de geração em geração.

A voz que revela vozes outras

Nos textos analisados, nos deparamos com um autor-criador onisciente, conhecedor de toda a trama narrativa e os fios que a compõe. Ele narra os fatos de forma analítica e crítica, proporcionando ao leitor uma visão ampla dos acontecimentos relatados e assim descritos:

As Mães da Plaza de Mayo, mulheres paridas por seus filhos, são o coro grego desta tragédia. Segurando as fotos de seus desaparecidos, dão voltas e voltas na pirâmide, em frente à rosada casa de governo, com a mesma obstinação com a qual peregrinaram por quartéis e delegacias e sacristias, secas de tanto chorar, desesperadas de tanto esperar os que estavam e já não estão, ou talvez, continuem estando, quem sabe? [...] São chamadas de loucas. Normalmente não se fala delas (GALEANO, 1998, p. 311-312, grifo do autor).

Ao longo da narrativa, texto a texto, o narrador delinea o quadro de intolerância e terrorismo composto pela ditadura militar na Argentina. Assim como, suas motivações ao tecerem um plano estratégico para eliminação e controle sistemático da sociedade civil do país: “As listas de subversivos foram integradas por “líderes sociais”, cujos nomes foram fornecidos pelos serviços de inteligência das Forças Armadas e de Segurança, mas também por empresários e executivos, sindicalistas, funcionários nacionais e provinciais, professores e dirigentes políticos e estudantis²⁹”.

²⁷ Texto original em espanhol: “[...] las Fuerzas Armadas asumieron el gobierno de la nación. Solo el Estado, para el que no aceptamos el papel de mero espectador del proceso, habrá de monopolizar el uso de la fuerza y consecuentemente solo sus instituciones cumplirán las funciones vinculadas a la seguridad interna. Utilizaremos esa fuerza cuantas veces haga falta para asegurar la plena vigencia de la paz social. Con ese objetivo combatiremos, sin tregua, a la delincuencia subversiva en cualquiera de sus manifestaciones, hasta su total aniquilamento”. Disponível em: <https://www.educ.ar/app/files/repositorio/html/01/57/a2ed79c9-d5f3-48fd-862b-b0c72e42ecd5/14393/data/61385c44-c852-11e0-81f8-e7f760fda940/anexo3.htm>. Acesso em: 29/04/2021.

²⁸ Disponível em: <https://exame.com/mundo/numero-divulgado-de-vitimas-da-ditadura-argentina-gera-polemica/>. Acesso em: 17/10/2020.

²⁹ Texto original em espanhol: “Las listas de subversivos fueron integradas por “líderes sociales”, cuyos nombres fueron aportados por los servicios de inteligencia de las Fuerzas Armadas y de Seguridad pero también por

Na voz do autor-criador ressoa a indignação e perplexidade com o discurso de doutrinação e os atos praticados pelo governo ditatorial e, em decorrência desses, o suplício vivido por aquelas mães, avós e demais familiares. Assim como, o tom de valoração e respeito a essas heroínas pela perseverança e obstinação no enfrentamento ao regime militar.

Entretanto, a voz desse autor-criador não se sobrepõe as vozes outras, antes são vozes “plenivalentes, isto é, plenas de valor, que mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo” (BAKHTIN, 2013, p. 04). Na narrativa as mulheres não são meras espectadoras ou representação da consciência do autor-criador, mas sim agentes ativas dos fatos relatados. “Acordo e sinto que está vivo! – diz uma, dizem todas. – Vou-me esvaziando enquanto avança a manhã. Morre ao meio-dia. Ressuscita de tarde. Então torno a acreditar que chegará e de noite caio dormindo sem esperança. Acordo e sinto que está vivo...” (GALEANO, 1998, p. 311-312).

Na tecitura narrativa, mesmo quando há antagonismo entre o discurso do autor-criador e o das personagens, percebe-se que ele não omite a atuação e participação dessas no desenrolar dos acontecimentos, visto que reconhece que essas vozes representam os diferentes atores e posicionamentos existentes no contexto social: “Normalizada a situação, o dólar está barato e certa gente também. Os poetas loucos vão para a morte e *os poetas normais beijam a espada e cometem elogios e silêncios*” (GALEANO, 1998, p. 312, grifo nosso).

O autor-criador traz à luz do discurso literário as vozes daqueles que comungaram com os atos de repressão, violência e injustiças praticadas pelo governo ditatorial contra a sociedade civil; que lutaram pelo direito à palavra e por uma vida digna em sociedade para todos; ou se calaram e se submeteram a seus ditames, evidenciando sua aversão a esses atores e seu posicionamento frente à realidade vivenciada pelo povo argentino: “Novas normas de linguagem obrigam a imprensa a chamar a ditadura militar de Processo de Reorganização Nacional” (GALEANO, 1998, p. 312).

Assim, evidencia-se na composição do texto que tanto o autor-criador quanto as heroínas e demais personagens “não são objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante” (BAKHTIN, 2013, p. 05). Vozes que soam com

empresarios y ejecutivos, sindicalistas, funcionarios nacionales y provinciales, profesores y dirigentes políticos y estudiantiles”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/videla-admitio-que-la-dictadura-mato-a-7-u-8-mil-personas-nid1464650/>. Acesso em: 29/04/2021.

autonomia discursiva, dotadas de uma enorme carga semântica, fixando-se como seres e vozes individualizados, que lado a lado, com o autor-criador, compõe o enredo da tecitura narrativa.

Considerações finais

O estudo e análise do texto *Las Madres de la Plaza de Mayo, Las Abuelas detectives e Tamara vuela dos veces*, parte constitutiva da obra *Memoria del fuego: el siglo del viento*, propiciou um conhecimento ímpar acerca da ditadura militar na Argentina, sua ideologia e métodos de repressão, eliminação e terrorismo aplicados aos oponentes das ideias e práticas difundidas pelo regime.

O trabalho de pesquisa trouxe à luz a história de mulheres que superaram séculos de imposição social e cultural, que limitavam sua atuação ao ambiente familiar. Mulheres que, em praça pública, ante os olhares da sociedade argentina e de outras partes do mundo, confrontaram um regime e seus representantes. Enfrentaram a intolerância e o autoritarismo de uma ditadura que sequestrou, torturou e matou filhos e netos, privando suas mães, avós e familiares da partilha de sonhos, esperanças e projetos comuns.

Dessa urdidura textual, emergiram vozes outras, que com base na teoria bakhtiniana, foi possível depreender não se tratar da voz do autor Eduardo Galeano, mas do discurso enunciativo próprio de cada componente da enunciação: o autor-criador, as mães e avós das vítimas desaparecidas, o discurso da sociedade Argentina, simbolizado pela Plaza de Mayo e, finalmente, o discurso produzido pela ditadura militar.

Essas vozes, carregadas de um discurso ideológico particular e participação ativa no desenrolar dos fatos, compuseram lado a lado com o escritor toda a trama narrativa, “mantendo cada uma sua individualidade caracterológica, sua imiscibilidade” (BEZERRA, 2018, p. 198), propriedades do texto polifônico, como pontuado por Paulo Bezerra.

Ao promover o diálogo com essas mulheres, na composição da narrativa, Galeano conferiu a elas seu lugar de direito na composição da história da América-latina, pois o que pode ser constatado na leitura e análise dos textos que abordam o tema é que o autor não deu voz a essas personagens, mas sim, estabeleceu um diálogo com elas a fim de que suas memórias ressoem e despertem no leitor a reflexão crítica sobre os sofrimentos e dores experienciadas. Finalmente, da prosa de Galeano arvora também a importância da união e da solidariedade frente às realidades que oprimem e privam o sujeito de seu bem maior: a liberdade.

Referências

- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. Ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzeller. 2a ed. São Paulo Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 191-200.
- GALEANO, E. *Memoria del fuego: siglo del viento*. Madrid: Siglo XXI, 1988.
- GALEANO, E. *Memória do fogo III: o século do vento*. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM. 1998.
- GORINI, U. *La rebelión de las Madres: historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Tomo I (1976-1983), 1a ed. La Plata: EDULP, 2017.
- IRAMAIN, D. *Una historia de las Madres de Plaza de Mayo*. 1a ed. La Plata: EDULP, 2017.
- MAYO, Abuelas de Plaza de. *La historia de Abuelas: años de búsqueda*. 3. ed. Buenos Aires: Abuelas de Plaza de Mayo, 2007. Disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/archivos/publicacion/abuelas30.pdf>. Acesso em: 12/05/2021.
- MOLINA THEISSEN, A. L. *La desaparición forzada de personas en América Latina*. KO'AGA ROÑE'ETA, Série VII, 1998.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- REATO, C. *Disposicion final: la confesion de videla sobre los desaparecidos*. 1a ed. Aires: Sudamericana – 1a ed. 2012.
- SÁBATO, E. (org). *Nunca mais*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

*Recebido em 16 de julho de 2021
Aceito em 18 de outubro de 2021*